



O USO DE IMAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA – A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM FOTOS

Carine Aparecida Barbosa Oliveira Stranget¹
Maria Fatima Menegazzo Nicodem²

RESUMO

O presente artigo se constitui em trabalho de conclusão de curso da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), para o curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, que apresenta um estudo sobre a utilização da imagem na disciplina de História com relação ao estudo da Segunda Guerra Mundial, um dos períodos mais importantes da História do Mundo em uma turma de terceiro ano do ensino médio de um Colégio estadual no município de Ibaiti. Nos dias atuais a realidade escolar brasileira é muito complexa, pois a produção historiográfica e educacional, sobre ensino e aprendizagem da História e a utilização de novos métodos de ensino induzem os educadores a buscar trabalhar com novas abordagens e com fontes relevantes para o ensino de História, produzidos por historiadores em várias fontes disponíveis. As imagens fazem parte do nosso cotidiano e ajudam a formar nossa memória, nosso imaginário social, por isso são ferramentas importantes entre os alunos e o conteúdo a ser tratado em sala de aula. Os dados levantados mostram a efetividade da utilização desta metodologia e seus benefícios quando o assunto é facilitar e transmitir conhecimento.

Palavras chave: História; Imagens; Aprendizagem; Questionário.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho docente está em constante transformação e adaptação. O professor já não pode mais se ater somente ao quadro e ao giz para ministrar suas aulas. É necessário buscar sua atualização e adaptação constante.

Na disciplina de História o panorama é o mesmo. Devido a sua complexidade, os professores devem buscar técnicas e métodos que possam contribuir para a aprendizagem efetiva e que possam incitar o senso crítico do aluno, levando-o a ver os diversos setores da sociedade de maneira diferenciada e crítico-reflexiva.

¹ Aluna do Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, da UTFPR, Campus Medianeira, e-mail: carinestangret@gmail.com.

² Doutora em Educação (UEM) e Professora do Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, da UTFPR, Campus Medianeira, e-mail: fatima@utfpr.edu.br.

Diante disso, tem-se no uso das imagens, uma maneira de buscar uma forma diferenciada de fazer a leitura histórica dos fatos. Uma imagem diz mais que mil palavras.

Segundo John Berger (crítico de arte, historiador e romancista, 1972), o olhar chega antes da palavra, ou seja, os seres humanos, antes de aprender a falar, comunicam-se pela visão. Assim, olhar é um ato de escolha. A percepção de qualquer imagem é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. Com isso, pode-se entender que toda imagem incorpora uma forma de ver.

Esta proposta contempla a utilização das imagens no ensino de História, mais especificamente, no tema relacionado à Segunda Guerra Mundial, de suma importância para a disciplina, presente no currículo dos alunos do 3º ano do ensino médio de um Colégio Estadual, localizado no município de Ibaiti, no Estado do Paraná. A aplicação junto aos alunos permitirá, através da produção de dados, compreender as possibilidades e limitações do trabalho com imagens em sala de aula.

A partir desses resultados, busca-se entender de que forma as imagens contribuem para o processo de ensino/aprendizagem da disciplina de História, na busca incessante de novos métodos de se ver e aprender História.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ENSINO DE HISTÓRIA

A História, como ciência, tem início com Heródoto de Halicarnasso, que viveu no século V a.C, e é considerado o “pai da História”. Segundo Marutti (2008):

Trata-se de um homem que dá início ao desenvolvimento da disciplina ao retratar importantes conflitos, como as Guerras Médicas, sob enfoque filosófico e antropológico. Deve-se destacar que, à sua época, era notável o aspecto mitológico permeando não apenas os fenômenos naturais, mas, sobretudo, as relações sociais na Antiguidade, logo, iniciar uma disciplina de enfoque essencialmente antropológico, como a História, exigia um distanciamento gradativo de certos aspectos religiosos. Tratava-se de notar o homem como si, e neste trajeto a

historiografia nascente contou não apenas com Heródoto, mas também com Xenofontes, Filisto, Timeu, Teopompo, entre diversos outros nomes (MARUTTI, 2008, p.45).

De acordo com Benedicts (2005) como disciplina sistemática, a História acompanhou os trilhos da Humanidade. Evoluiu de maneira lenta e passou por percursos de retrocesso. Durante a Idade Média, a História assim como as demais ciências, tiveram um período de reclusão em decorrência do poderio da Igreja Católica e das explicações divinas sobre os acontecimentos humanos, obscurecendo o olhar sobre o homem como construtor de seu próprio caminho e de sua civilização.

Com o Renascimento, no século XIII d.C, e seu desmembramento Humanista, ressurgiu a História e o interesse pelo indivíduo. É certo que o teocentrismo continuou existindo, mas novas perspectivas começaram a despontar e se firmaram com o Iluminismo, no século XVIII, quando, de acordo com Marutti (2008), fez surgir importantes nomes que influenciaram toda uma sociedade e múltiplas disciplinas entre elas a História e as Ciências Jurídicas, como Montesquieu, Voltaire, François Fénelon e Edward Gibbon.

As mudanças coroaram o setor científico e humano no século XIX, quando o francês Auguste Comte lança as bases do Positivismo. Esta corrente, segundo Marutti (2008), influencia a forma de analisar o objeto de pesquisa, tanto das ciências naturais, como das exatas e, principalmente, das humanas, cujo método prima pela objetividade de métodos e imparcialidade.

Na História, o Positivismo provocou uma visão das mudanças sociais sob o prisma político, para o qual somente alguns homens modificam a sociedade, enquanto a maioria se posiciona no papel de meros espectadores. Para análise do objeto de estudo eram utilizadas apenas documentos legitimados pelo Estado, ou seja, somente um lado da História era contado, sob a perspectiva de uma classe e seus interesses.

No entanto, outros paradigmas surgiram no final do século XIX e início do século XX que proporcionaram um novo olhar sobre o objeto de estudo ao incorporar novas fontes e também inserir os excluídos anteriormente pela Historiografia ao cenário político, econômico, social e cultural. Dessa forma, o historiador pode, ao definir seu objeto na atualidade, optar por outros paradigmas que ultrapassam o perspectiva positivista. Esses paradigmas

nortearão a pesquisa de correntes como: Marxismo, Nova Esquerda Inglesa, História Cultural, História das Mentalidades e outras.

Até o momento, o objetivo foi mostrar a trajetória da História e suas tendências a nível mundial, contudo, faz-se necessário analisar as mudanças pelas quais esta disciplina passou no decorrer dos séculos.

A educação no Brasil se inicia com os jesuítas, uma educação que se voltava para a conversão dos indígenas e também para a preparação de uma seleta elite da aristocracia colonial, visando seu ingresso nas universidades portuguesas de Évora e Coimbra. Nesse período, portanto, de acordo com Marutti (2008):

o estado ficou à margem do sistema educacional, deixando para os Jesuítas a responsabilidade pela educação no país, de acordo com as determinações tridentinas. Porém as convergências terminam aí devido à crescente, e incômoda, ascensão política e financeira desta ordem religiosa levando à sua total extinção no Brasil em 1759, segundo ordens do Marquês de Pombal, obrigando por decreto a expulsão desses religiosos de todo território lusitano.(MARUTTI,2008,p.60)

O ensino de História baseava-se nos acontecimentos da Europa. Sobre o Brasil nada constava. Somente a partir da década de 1830, conforme enfatiza Bitencourt (2005):

em consonância com uma nova formulação curricular, a “história sagrada”, a “história universal” e a “história pátria” passaram a integrar o sistema educacional em perfeito alinhamento com o espírito das luzes do século XIX. O pensamento liberal característico deste período histórico definiu o papel da educação no que se refere à formação do cidadão íntegro, industrioso ou produtivo e, sobretudo, obediente às Leis.(BITENCOURT,2005,p.23)

Nesse período é instituída a disciplina escolar de História. Era o ano de 1837, quando se dá também a criação do Colégio D. Pedro II e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), na então capital do país, Rio de Janeiro. Vale ressaltar que os programas escolares, os manuais didáticos e as orientações dos conteúdos que seriam ensinados no Colégio advinham dos intelectuais do IHGB porque os professores eram do Instituto.

Nesse momento, a corrente epistemológica que influenciava essas produções era o Positivismo, cujas características, em linhas gerais,

centravam-se na História Política, orientada pela linearidade dos fatos; pelo uso restrito dos documentos oficiais como fonte e verdade histórica e, por fim, pela valorização dos heróis.

A narrativa histórica se baseava na ideia de que somente os heróis são capazes de mudar a História, excluindo assim, as pessoas comuns do processo histórico, nesse modelo conservador de sociedade, o currículo oficial de História tinha como objetivo contribuir para legitimar os valores aristocráticos com valorização da História europeia em detrimento da brasileira.

Num primeiro momento ensinou-se a História da Europa Ocidental, apresentada como a verdadeira História da civilização. A história pátria surgia como seu apêndice, sem um corpo autônomo e ocupando um papel extremamente secundário. Relegada aos anos finais do ginásio, com número ínfimo de aulas, sem uma estrutura própria, consistia em um repositório de biografias de homens ilustres, de datas e batalhas. (BITENCOURT,2005,p.32)

Esse modelo manteve-se nos anos iniciais da República (1889) e o Colégio D. Pedro II continuou a ter o papel de referência para a organização educacional brasileira. Mas foi somente na primeira metade do século XX que esta disciplina se afirmou por meio de várias reformas curriculares, efetivadas no governo de Getúlio Vargas (1930-1945), vinculado ao projeto político nacionalista do Estado Novo, por meio da Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942. Segundo Cainelli e Schimidt (2004):

O ensino de História e o ensino em geral só passaram a ter uma lei que fixasse suas diretrizes e bases (LDB) em 1961, com a Lei nº 4024/61 de 20/12/1961, modificada pela Lei 5540/68 de 28/11/1968, que fixou normas de funcionamento e organização do ensino superior e sua articulação com a escola média, e pela Lei nº 5.692/71 de 11/08/1971, que oficializou o ensino de Estudos Sociais, e relegou o ensino de História apenas ao antigo segundo grau. Durante a criação e mudanças dessas leis, a concepção e os conteúdos de História continuavam atrelados às formas tradicionais. (CAINELLI E SCHIMIDT, 2004, p.45)

O ensino de História se ocupava em reforçar o caráter moral e cívico dos conteúdos escolares. Na década de 1950, foi instituído o Programa de

Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar (PABAE), que segundo Bitencourt (2005):

Foi resultado do convênio entre os governos federal, de Minas Gerais e norte-americano, para instituir o ensino de Estudos Sociais. A proposta se efetivava com investimentos na formação dos professores da Escola Normal Primária, na produção de materiais didáticos e na publicação dos trabalhos desenvolvidos nas escolas primárias de Minas Gerais. Essas experiências serviram como referência para a posterior instituição dos Estudos Sociais no Ensino de Primeiro Grau, por força da Lei n. 5.692, de 1971.(BITENCOURT,2005,p.31)

Nesse período em que a História e a Geografia deixaram de ser disciplinas independentes, reforçou ainda mais sua característica de reforço do caráter moral e cívico da população.

Com o Golpe Militar (1964), o ensino de história no Brasil continua tendo um caráter diretivo e acrítico visto como uma sucessão linear de fatos considerados significativos. Como enfatiza Bitencourt (2005):

Modelo da ordem estabelecida, de uma sociedade hierarquizada e nacionalista, o ensino não tinha espaço para análise crítica e interpretações dos fatos, mas objetivava formar indivíduos que aceitassem e valorizassem a organização da Pátria. O Estado figurava como o principal sujeito histórico, responsável pelos grandes feitos da nação, exemplificado nas obras dos governantes e das elites condutoras do país.(BITENCOURT,2005,p.33)

Para coroar estas mudanças que descaracterizavam as disciplinas da área das ciências humanas, principalmente a História é instituída a Lei n. 5692/71, no qual o Estado organizou o Primeiro Grau de oito anos e o Segundo Grau profissionalizante. Como friza Bitencourt (2005):

O ensino centrou-se numa formação tecnicista, voltada à preparação de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Em decorrência dessa ênfase no currículo, as disciplinas da área de ciências humanas passaram a ser tratadas de modo pragmático, na medida que assumiam o papel de legitimar, por meio da escola, o modelo de nação vigente junto às novas gerações. Na configuração curricular definida pelo regime militar, as disciplinas da área de ciências humanas perderam espaço nos currículos. No Primeiro Grau, as disciplinas de História e Geografia foram condensadas como área de Estudos Sociais,

dividindo ainda a carga horária para o ensino de Educação Moral e Cívica (EMC). No Segundo Grau, a carga horária de História foi reduzida e a disciplina de Organização Social e Política Brasileira (OSP) passou a compor o currículo.. (BITENCOURT,2005,p. 37)

Para que a descaracterização fosse completada, há, nesse momento, a proliferação de cursos de Licenciatura Curta em Estudos Sociais, que abreviavam e tornavam polivalente a formação inicial, seguida da simplificação de conteúdos científicos. Com estas atitudes o Estado objetivava exercer maior controle ideológico sobre o corpo docente, porque tentava retirar-lhe o instrumental intelectual politizador e centrava a formação numa prática pedagógica pautada na transmissão de conteúdos selecionados e sedimentada pelos livros e manuais didáticos.

Dessa forma, o ensino de História desde sua implantação em 1837 até a década de 1980 teve de forma geral segundo Bitencourt (2005):

prioridade ajustar o aluno ao cumprimento dos seus deveres patrióticos e privilegiava noções e conceitos básicos para adaptá-lo à realidade. A História continuava a ser tratada de modo linear, cronológico e harmônico, conduzida pelos heróis em busca de um ideal de progresso de nação.(BITENCOURT, 2005, p.45)

As mudanças se deram a partir da década de 1980, com o fim da ditadura militar e o início do processo de redemocratização da sociedade. O ensino de Estudos Sociais começa a ser contestado, tanto pela academia quanto pela sociedade organizada, sobretudo pela Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH). Como enfatiza Fonseca (2005) esses defendiam o retorno da disciplina de História como condição para que houvesse maior aproximação entre a investigação histórica e o universo da sala de aula.

A relação entre imagem e História ganhou relevância com a História Cultural, na década de 1980, influenciando mudanças no próprio ensino dessa disciplina. Desse modo, torna-se importante utilizar imagens no ensino de História por constituir-se linguagem portadora de significado, informações e representação da realidade.

No início dos anos 1990, cresceram os debates em torno das reformas democráticas na área educacional, processo que repercutiu nas novas

propostas do ensino de História que proporcionou mudanças na produção de livros didáticos e paradidáticos que almejava incorporar a nova historiografia e os resultados de suas pesquisas. Novas fontes, novos paradigmas, novos sujeitos históricos estão na tona dos debates e no momento atual muitos professores tem que se adaptar a estas mudanças já que viveram muitos anos sob as premissas positivistas.

Os tempos mudaram, os alunos também. Contudo, muitas vezes, o ensino de História prossegue inalterado, deixando os alunos desinteressados e fazendo com que a disciplina seja odiada por muitos deles que não conseguem perceber a relevância da mesma para sua vida.

2.2 A IMAGEM ENQUANTO DOCUMENTO HISTÓRICO EM SALA DE AULA

Nos dias atuais a realidade escolar brasileira é muito complexa, pois a produção historiográfica e educacional, sobre ensino e aprendizagem da História Contemporânea e as novas mídias incitam os educadores a trabalhar com novas abordagens e com fontes relevantes para o ensino de História, produzidos por historiadores em várias fontes disponíveis.

O uso das imagens em sala de aula é uma ferramenta facilitadora do ensino que visa a construção do conhecimento e o desenvolvimento crítico do aluno, já que as imagens permitem um trabalho crítico sobre diversos temas históricos.

Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pinturas, esculturas, fotografias, edificadas ou encenadas –, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. (MANGUEL, 2001)

Rusen (1993), denota que a História deve ser compreendida como uma experiência cultural que coloca objetos orientativos à disposição do aluno. Tal diferenciação levaria uma didática histórica com os assuntos organizados de acordo com um cânone histórico de objetos. Esses objetos são muito importantes para que se possa atingir os alunos, ou seja, que eles se

familiarizem com a prática do historiador, através de um processo articulado entre fazer histórico e pedagógico, exigindo assim uma reflexão de natureza histórica.

A aula de História é o momento onde o professor deve proporcionar aos alunos condições para que eles se apropriem do conhecimento por meio de caminhos necessários para a sua construção e os documentos históricos são de grande valia para esta construção.

O trabalho com o uso dos documentos históricos ou reprodução destes em sala de aula constitui-se em importante recurso metodológico para o ensino da História; considerando que, para os alunos, o conhecimento histórico é complexo e abstrato, os documentos utilizados também como mediadores culturais tornam possível imaginar ou reconstruir o passado.

É válido ressaltar também que na sala de aula o documento pode ser identificado como suporte informativo ou como fonte:

No ensino de História, a palavra documento suscita, pelo menos, duas interpretações. Na primeira, ele pode ser identificado com o material usado para fins didáticos, como o livro didático, mapa histórico e filme com objetivos educacionais. A característica principal a ser preestabelecida desde sua produção. Nessa condição, eles podem ser designados como suporte informativo. Na segunda interpretação, documento quer dizer fonte, isto é, fragmentos ou indícios de situações já vividas, passíveis de ser exploradas pelo historiador. (SCHMITH; CAINELLI, 2004, p. 90)

O uso de diferentes imagens (fotografias, charges e/ou desenhos) se destaca como documentos históricos portadores de significados.

O ensino por meio de imagens não se resume em sua utilização ou mera ilustração do tema estudado ou para captar a atenção do aluno, prevalecendo a linguagem oral e escrita na sala de aula, nem sempre adequadas à imagem em questão. No caso da História, é importante utilizar imagens como documentos que podem ser analisados, visando a apreensão do conteúdo estudado e sua contextualização.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Aplicou-se um projeto desenvolvido para um curso de Especialização em Educação, Técnicas e Métodos na Educação, que foi posto em prática no período letivo de 2015, conforme se narra a seguir.

A turma contemplada foi o 3º ano do Ensino Médio de uma escola estadual do município de Ibaiti, no Estado do Paraná. Os alunos se situavam na faixa etária entre 16 a 19 anos e a turma continha 28 alunos. A turma foi escolhida devido a sua capacidade de relacionar fatos e por ser uma turma pequena e mais fácil de se trabalhar. O tema foi escolhido devido a sua cobrança nos vestibulares e por se tratar de parte do conteúdo a ser ministrado na presente turma.

Primeiramente, foi investigado o que os alunos sabiam acerca da segunda grande guerra e as suas consequências no mundo inteiro. Os alunos ficaram apreensivos e muitos deles não tinham uma resposta precisa sobre o tema. Conforme o plano de aula, fora dada uma introdução ao tema através de uma aula expositiva e explicativa, focalizando países envolvidos e pontos importantes, buscando construir o conhecimento junto com os alunos, sanando suas dúvidas. No decorrer das aulas, fora introduzido o documentário sobre a “Segunda Guerra Mundial”. Os alunos ficaram chocados com a forma que seres humanos trataram seres humanos em nome do poder e de uma ideologia fajuta.



Fonte: Blog Minilua (2004)

O aluno A disse não compreender como o ser humano pode chegar ao extremo de matar de forma desumana pessoas como ele. Já o aluno B disse que compreendia, pois, na guerra é necessário ter uma certa “frieza”, pois “é matar ou morrer”.

O aluno C disse que pode compreender mais os motivos que levaram à eclosão da guerra e seus reflexos no mundo atual. Achou interessante e disse que procuraria mais vídeos relacionados para contribuir mais com a construção do conhecimento.

Após a discussão sobre o vídeo, os alunos responderam um questionário de avaliação sobre o uso de imagens na sala de aula, no qual eles puderam colocar suas considerações sobre o conteúdo estudado através dessa metodologia de trabalho.



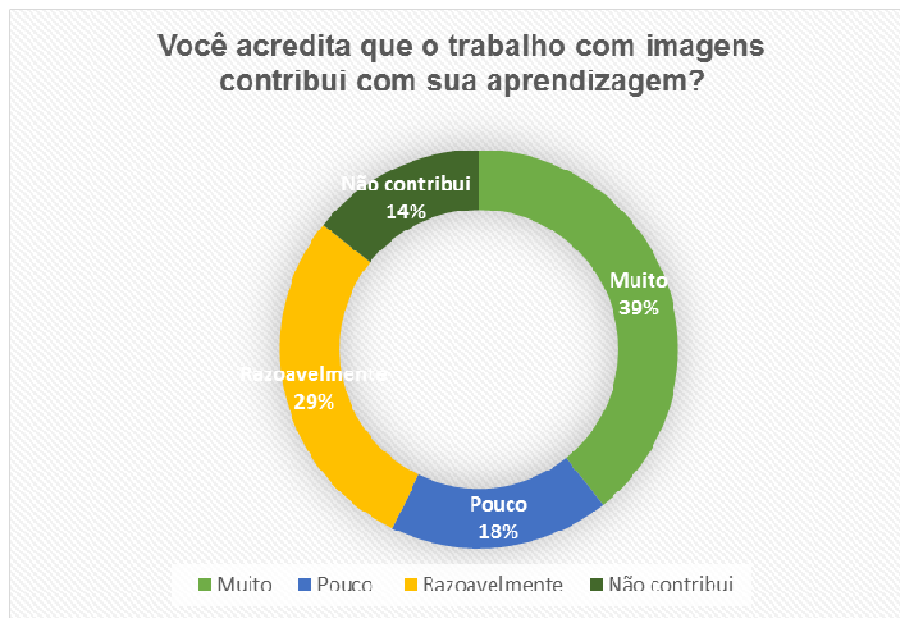
Fonte: Blog Minilua (2004)

Vale salientar imagens mostram muito mais que simples fatos: elas traduzem um milhão de coisas em apenas um olhar. Cabe ao professor saber contextualizar e usar a favor da disciplina histórica com imparcialidade e

neutralidade, mesmo sabendo que, em muitas das vezes, isso não é possível, pois, cada um tem um ponto de vista e sempre o defenderá seja direta ou indiretamente.

3.1 DADOS E ANÁLISES

Gráfico 1: Trabalho com imagens contribuem com aprendizagem em História



Fonte: Dados colhidos pela autora, 2015.

A partir da análise do Gráfico 1 percebe-se que a maioria dos alunos acreditam que as imagens contribuem para a aprendizagem deles, mostrando a necessidade que:

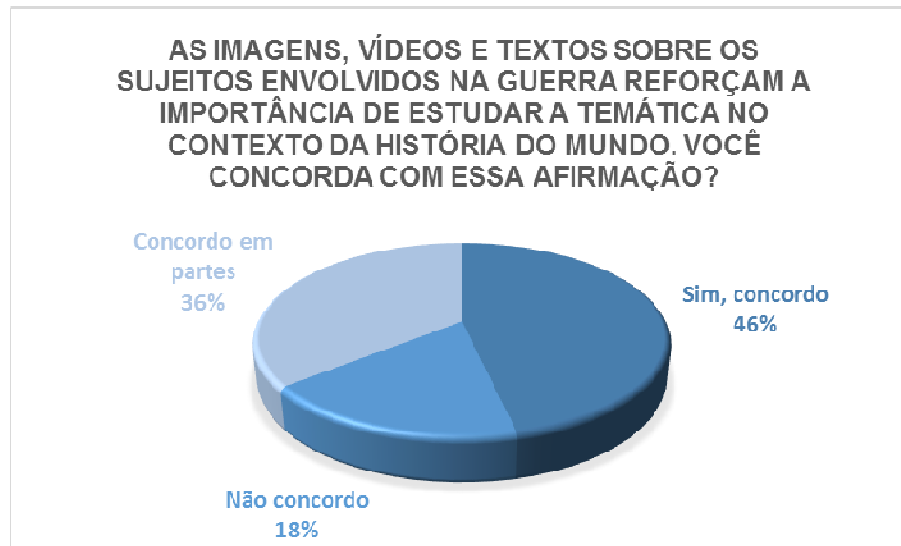
[...] o aluno seja entendido como agente de sua formação com ideias prévias experiências diversas e o professor como investigador social e organizador de atividades problematizadoras; o conhecimento histórico é visto a partir de sua natureza multiperspectivada e nos seus vários níveis: senso comum, ciência e epistemologia; as estratégias e recursos são múltiplos e intervenientes; a avaliação é feita a partir de todo o material produzido pelo aluno; e os efeitos sociais são focados nos agentes sociais (SCHIMIDT; GARCIA, 2006, p.23).

O aluno A pontuou que as imagens contribuem desde que tenham subsídios e não sejam apenas colocadas, pois, nem tudo que se vê é o que parece, afinal sempre há intencionalidade no ensino da História.

Na maioria das vezes, quando os historiadores utilizam imagens, é apenas para ilustrar e, quando são discutidos num texto, as imagens são usadas somente para ilustrar conclusões a que o autor já havia chegado por outros meios, em vez de oferecer novas respostas e suscitar novas questões. (MOIMAZ, 2009 p.45-46)

Estudar imagens para se compreender um pouco mais dos tempos e sujeitos é uma grande ferramenta na sala de aula, desde que o professor saiba como direcionar o seu trabalho.

Gráfico 2: Sobre a importância de imagens e vídeos no ensino de História



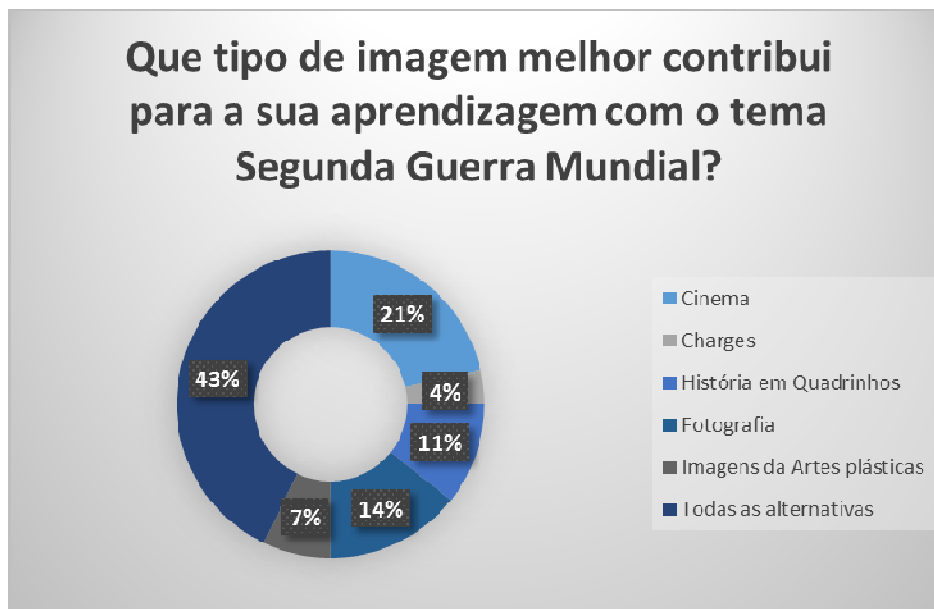
Fonte: Dados colhidos pela autora, 2015.

Analisando o gráfico acima, vê-se que a grande parte dos alunos concorda que as imagens, vídeos e textos contribuem para o estudo da segunda guerra, pois, os incita a imaginar o contexto da guerra, como eram as trincheiras e a vida dos soldados que iam iludidos à guerra. Alguns alunos ainda concordam em partes assinalando que a imagem, por si só, sem subsídios não dá base, pois, a mesma pode favorecer determinado grupo ou situação.

Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pinturas, esculturas, fotografias, edificadas ou encenadas –, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. (MANGUEL, 2001, p.3)

Existem vários métodos para se entender determinado tema ou disciplina. Com base nisso, vê-se que:

Gráfico 3: Tipo de imagem que contribui com a aprendizagem



Fonte: Dados colhidos pela autora, 2015.

Quando se fala em Segunda Guerra Mundial se tem inúmeras possibilidades de trabalho. Os alunos, em grande parte, concordam que todas as metodologias citadas no gráfico 3 são importantes para a efetivação e promoção do conhecimento, sendo que, alguns apontaram os métodos que têm mais facilidade de aprendizado.

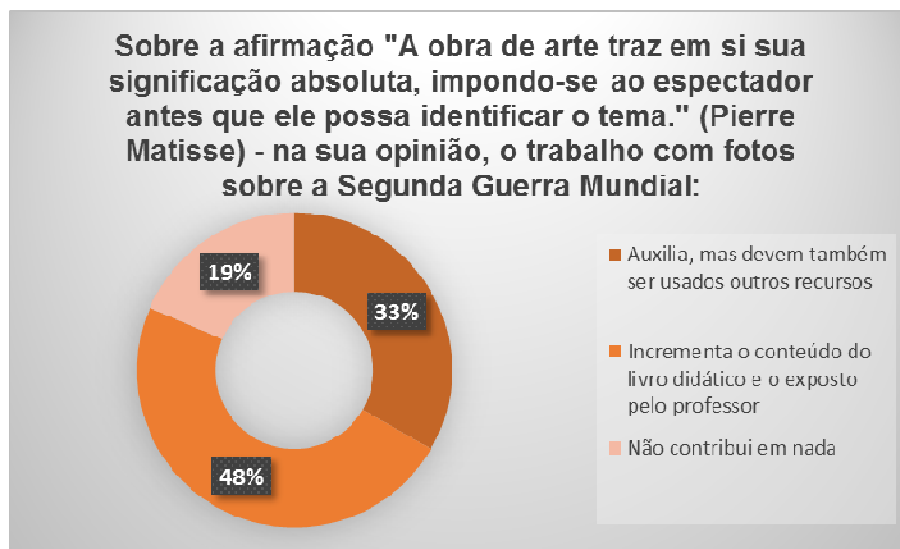
O que se torna significativo e relevante consolida seu aprendizado. O que ele aprende fundamenta a construção e a reconstrução de seus valores e práticas cotidianas e as suas experiências sociais e culturais. O que o sensibiliza molda a sua identidade nas relações mantidas com a família, os amigos, os grupos mais próximos e mais distantes e com a sua geração. O que provoca conflitos e dúvidas estimula-o a distinguir, explicar e dar sentido para o presente, o passado e o futuro, percebendo a vida como suscetível de transformação. (PCN, 1998, p.38)

Sobre os pontos positivos sobre a aprender sobre a Segunda Guerra Mundial com o uso de fotos, os alunos foram bem divergentes. O aluno A

pontuou que as aulas ficam mais interessantes, pois, fogem da rotina; o aluno B afirmou que ele consegue relacionar as imagens com os conteúdos que está aprendendo e o aluno C acredita que todos os fatores são muito importantes, pois, estimulam a aprendizagem.

Com relação ao trabalho com fotos sobre a Segunda Guerra Mundial:

Gráfico 4: Aprender sobre a Segunda Guerra Mundial



Fonte: Dados colhidos pela autora, 2015.

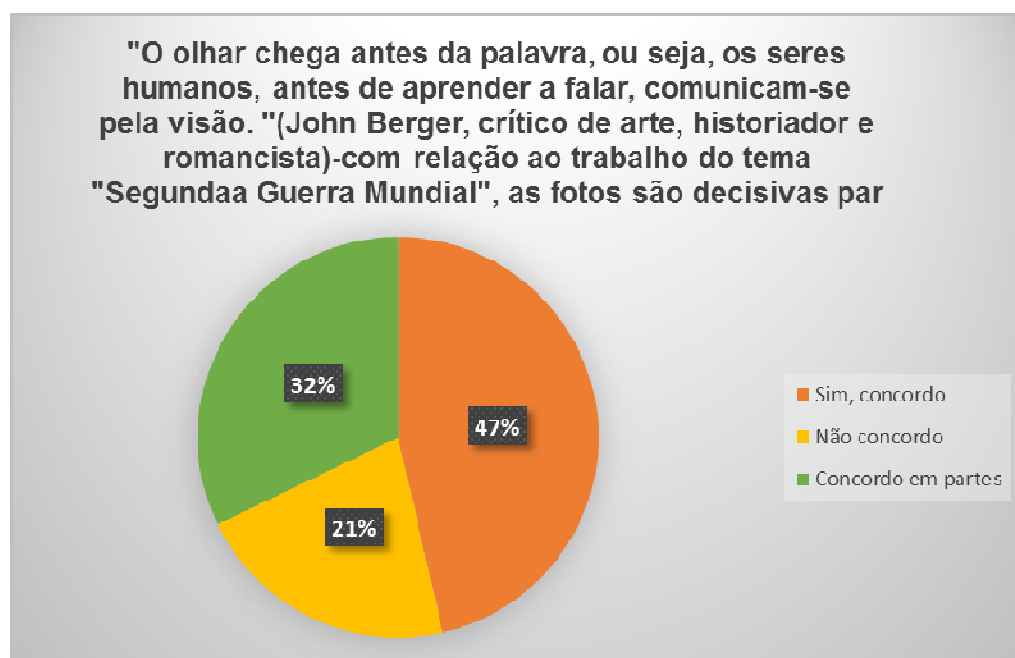
Grande parte dos alunos acredita que as imagens incrementam o conteúdo do livro didático e o exposto pelo professor, pois, segundo eles, leva a forma concreta do tema. Alguns alunos acreditam que auxilia mais deve ser usados outros recursos, pois, as imagens sozinha não pode traduzir um fato isolado, portanto, torna-se necessário o apoio de outros instrumentos pedagógicos. E tem aqueles que acreditam que imagens não contribuem em nada, pois, uma imagem é só uma imagem sem muito significado.

Para eles, o uso de fotos para o trabalho do tema da Segunda Guerra Mundial, na disciplina de História, deve ser significativo, deve ter intencionalidade, pois, se isso não ocorrer será um trabalho vago sem razão de ser.

O ensino por meio das imagens não se resume em sua utilização como mera ilustração do tema estudado ou para captar a atenção da criança, prevalecendo a linguagem oral e escrita na sala de aula, nem sempre

adequadas a imagem em questão. No caso do ensino da História é importante utilizar as imagens como documentos que podem ser analisados, visando a apreensão do conteúdo estudado e sua contextualização. (MOIMAZ, 2009, p.134)

Gráfico 5: Uso de fotos para aprender sobre a Segunda Guerra Mundial



Fonte: Dados colhidos pela autora, 2015.

Com relação ao trabalho do tema Segunda Guerra Mundial e a afirmação de Berger, alguns alunos concordam em partes quando o assunto está relacionado às fotos quanto fator decisivo na aprendizagem, pois, por mais que a foto se passe na mesma época ela pode ter sido distorcida para favorecer determinados grupos. Ou seja, não é uma fonte confiável.

Já 47% dos alunos concordam que o olhar chega antes da palavra, ou seja com o olhar se estimula o pensamento.

Os alunos afirmam, em grande parte, que o uso de fotos no ensino de História – tema Segunda Guerra Mundial – possibilitou a eles conhecer uma outra linguagem mais interativa, prazerosa e cheia de significado, possibilitando posicionar-se criticamente diante de questões e problemas da sociedade e colaborar para desenvolver o imaginário popular sobre história, além de que, com o uso das fotos se tem uma aula mais dinâmica.

Com a aplicação do questionário, foi possível perceber a importância de compreender as diferentes formas de aprendizagem dos alunos e como melhorar a metodologia em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática aqui apresentada trata do uso da imagem para o estudo da segunda guerra mundial, como técnica facilitadora de ensino que visa a construção do conhecimento.

A imagem permite o trabalho crítico de diversos temas históricos. Segundo Jörn Rusen (1993), citado por Cainelli (2004), a História deve ser compreendida como uma experiência cultural que coloca objetos orientativos à disposição do aluno. Tal diferenciação levaria uma didática histórica com os assuntos organizados de acordo com um cânone histórico de objetos. Esses objetos são muito importantes para que se possa atingir os alunos, ou seja, que eles se familiarizem com a prática do historiador, através de um processo articulado entre fazer histórico e pedagógico, exigindo assim uma reflexão de natureza histórica.

A aula de História é o momento onde o professor deve proporcionar aos alunos condições para que eles se apropriem do conhecimento através de caminhos necessários para a sua construção. Não é só colocar a imagem para o aluno, é necessário que ele compreenda o porquê desta imagem em sala de aula e o seu significado. Quando se trabalha com imagens em sala de aula é fundamental problematizá-las, pois, não podemos afirmar que as imagens mostram claramente os acontecimentos históricos, porque as imagens “congelam” um determinado momento e na maioria das vezes há toda uma preparação para captar a imagem que não condiz com a realidade vivida. Além disso, é preciso tentar despertar nos alunos a criticidade para compreender as diversas possibilidades de intenção do autor, do momento histórico e da visão que se pretende transmitir através da imagem.

Quando se fala em produção do conhecimento histórico, a imagem surge como meio para a estruturação do pensamento em relação ao tema estudado.

Com relação à pesquisa de campo, os alunos se mostraram muito receptivos com relação ao projeto e consideraram importante para a construção do seu próprio conhecimento. Quando apresentamos à criança ou adolescente um determinado objeto do passado, como por exemplo, uma imagem

relacionada à temática que vamos trabalhar, possibilitamos que a criança estabeleça relações com este objeto e pense como os homens viviam.

Os questionamentos sobre o uso da imagem foram necessários para análise e revisão de pontos importantes com relação à esta ferramenta de apoio educacional. Por fim, cabe dizer que o uso de imagens é importante para o estudo da História e pode contribuir para a construção do conhecimento histórico desde que, bem embalsado em sua teoria para que não se torne um trabalho vago e sem razão. É necessário a intencionalidade do trabalho do professor e também a possibilidades de novas pesquisas relacionadas a esta temática buscando o enriquecimento do trabalho do professor e contribuindo para a produção do conhecimento histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org). **O saber histórico na sala de aula**. 11. Edição, São Paulo: Contexto, 2005.

CAINELLI, Marlene, SCHMITH, Maria Auxiliadora. **Educação Histórica: Teoria e Pesquisa**. São Paulo: Ed. Unijui, 2004.

DESCONHECIDO. **Fotos Impressionantes da Segunda Guerra Mundial**. Blog Minilua, 2004. Disponível em: <http://minilua.com/fotos-impressionantes-2-guerra-mundial/> Acesso em 27.set.2015

FITZ. Valesca Giordano. **O uso da imagem no ensino de história**. UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

FONSECA, Silva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. São Paulo: Papyrus, 1993.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. **História e ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: Uma história de amor e ódio**. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARUTTI, Mauri Daniel. **A Importância da história no contexto da sociedade contemporânea**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-historia-no-contexto-da-sociedade-contemporanea/4913/> Acesso em: 20 de junho de 2015.

MOIMAZ, Érica Ramos. **Metodologias do ensino da História**. São Paulo: Pearson Pretience Hall, 2009

Parâmetros Curriculares Nacionais em Ação - 5^a a 8^a séries. 1998. <http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pcn5a8.asp> - acesso em 27.09.2015

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado. Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica**. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Brasília: UnB, 2007, 188 p.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria Braga. Pesquisas em educação Histórica: algumas experiências. **Educar em Revista**, Curitiba, p.11-31, 2006. Especial. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/viewFile/5550/4063>. Acesso em 27.set.2015